

POESIA E MEMÓRIA PELA FORMAÇÃO DE UM CONHECIMENTO ONTOLÓGICO

Jorge Augusto Balestero (UNESP)¹

***Resumo:** A partir de um aporte fenomenológico existencialista, com embate em trabalhos adjacentes e também antitéticos de tal linha de pensamento, o presente estudo propõe, com alguns exemplos de análises em poéticas autobiográficas brasileiras, leitura para compreensão de um possível processo empático de formação ontológica do saber subjetivo na contemporaneidade literária. No embate teórico e analítico, segue-se a proposição de que a memória subjetiva em literaturas autobiográficas brasileiras não apenas recorda fatos de um passado imóvel ao presentificá-los em linguagem memorialista, mas revela, como uma totalidade intertempos na duração, o saber ontológico humano por meio de uma nova ficção da subjetividade.*

***Palavras-chave:** contemporaneidade; subjetividade; saber ontológico; ficção literária.*

¹UNESP - IBILCE: Departamento de Linguística e Estudos Literários. Programa de pós-graduação Doutorado em Letras. Área de concentração em Teoria e Estudos Literários. Linha de pesquisa: História, Cultura e Literatura. São José do Rio Preto, São Paulo - Brasil. E-mail: factoral@hotmail.com.

As autobiografias literárias contemporâneas², como adventos de verticalização das experiências humanas, além de darem maior dinamicidade aos estudos do campo das escritas da subjetividade, têm possibilitado à crítica literária rever conceitos basilares nos limiares da ficção. As atuais condutas de leitura, como pontuado por Paul de Man (2008), divergem e convergem, ricamente, de acordo com o objeto, seja uma biografia não autorizada ou uma autobiografia de resistência cultural ou política, ampliando caminhos para debate sobre os limites e papéis da ficção frente ao início de uma era que tenta superar conceitual e constitutivamente as dualidades e tensões do que se convencionou chamar de Modernidade.

Considerando, assim, a necessidade de apresentar uma dupla resposta: sobre os limites e perspectivas da ficção literária contemporânea; e sobre a relevância das autobiografias poéticas para a revisão de conceitos fundamentais para os estudos literários da atualidade, este estudo propõe uma leitura em expansão do conceito de *ars memoriae*, isto é, da memória subjetiva ficcional que atuaria como elemento-chave em uma leitura po-ética (que seja estética e ética na revelação e ampliação do conhecimento de mundo). Como exemplos centrais de tais produções no cenário literário brasileiro, são focados dois autores distintos, mas não distantes poeticamente: Carlos Drummond de Andrade (1902-1987) e Armando Freitas Filho (1942 -).

1 Epistemologia da memória subjetiva contemporânea

Nos estudos contemporâneos sobre a memória na arte, teóricos como Roger Chartier, Paul Ricoeur, Andreas Huyssen, Beatriz Sarlo, entre outros, trabalham com as distinções e relações da memória subjetiva entre o arquivo e o testemunho, entre o registro puramente documental e o olhar subjetivo e introspectivo para o mundo e suas complicadas relações e, conseqüentemente, para o sujeito no mundo, coisificado entre uma “história oficial” da humanidade e a perda do conhecimento em um longo processo desumanizante do tempo das máquinas, ou, em termos psicanalíticos de Maria Rita Khel, do “tempo dos relógios” (Khel 2009).

Logo, buscando corrigir as afirmações rotineiras, na contemporaneidade ainda não é possível se afirmar como era do conhecimento, mas apenas a era da informação – veiculada, principalmente, pelas mídias eletrônicas, como a *internet*. E a informação, antes de se tornar conhecimento, é totalmente suscetível de manipulação

² Nesta proposta de leitura, são consideradas como contemporâneas, como demarca a estudiosa do espaço biográfico, Leonor Arfuch, as autobiografias que seguem “o gesto fundador de *As confissões* de Rousseau” (Arfuch 2010: 29). Considera-se assim por tais obras possibilitarem a expansão do conceito da *ars memoriae* para além do chamado “pacto biográfico” – como em Philippe Lejeune (2008). Ou seja, segundo Paul Ricoeur (2007), por tais obras seguirem uma vertente ficcional mais subversiva dos costumes culturais massificados e fatos concebidos de alguma “história documental oficial”, apresentam uma noção de consciência poética que transcende os relatos de estilos de vida dos próprios autores e das superficialidades culturais, como também da noção de tempos fixos (passado, presente e futuro), e alcançam, assim, performances ficcionais messiânicas ou proféticas diante de uma realidade desumanizante. O conceito de contemporâneo, portanto, aqui não se detém na noção de “correlato cronológico” – apesar de não ir contra tal noção –, mas valoriza mais a noção de contemporaneidade de pensamento, de estética e de ficção.

para interesses próprios. Portanto, a era da informação não é, ainda, a era do conhecimento, mas um meio caminho para a era do conhecimento em devir.

Dessa forma, para se compreender os pontos centrais da ficção e sua relação com o mundo contemporâneo em formação, no corte epistemológico proposto são apresentadas quatro vertentes de atuação da memória subjetiva ficcional na contemporaneidade, sendo elas: 1) histórica; 2) literária; 3) filosófica; e 4) política.

Na vertente histórica, centrada em estudos de Roger Chartier (2011), salienta-se a necessidade de uma revisão da História Documental com inserção de leitura das escritas da subjetividade ficcional, dado seu valor de aguda consciência empática, tanto na transmissão de um conhecimento evolutivo (como um contínuo do saber humano) quanto para compreensão de elementos-chave da existência humana, tais como identidade, alteridade e cultura.

Em paralelo, na vertente literária, Paul Ricoeur (2007) dá ênfase ao conceito de *ars memoriae* como possível caminho de transmissão de experiências humanas, apontando para a ficção contemporânea em sentido mais amplo de representação, pois, para a teoria da memória em vertente literária, a representação ficcional deve atuar também como construção e ampliação de sentidos da realidade, do homem, do mundo, do homem no mundo e, também, do mundo no homem.

A partir de tal noção conceitual, na vertente filosófica, como em trabalho de Andreas Huyssen (2000) e correlatos, enfatiza-se nas produções contemporâneas da memória ficcional uma possibilidade de se rever conceitos tanto estéticos quanto éticos, que vão das diversas técnicas de composição artística da memória até seu papel de fidedignidade na transmissão histórica das experiências subjetivas para compreensão e explicação do mundo cultural contemporâneo.

Na quarta vertente, a partir de uma visão estruturalista baseada principalmente em estudos linguísticos de James Young, e semióticos, de Mariane Hirsch, os estudos de Beatriz Sarlo (2007) definem uma imbricação entre a tese de uma memória vicária, que só pode ser realizada se vivida, e na tese sobre o valor de veracidade de uma pós-memória, ou seja, aquela passada de pai para filho – também diferente da memória cultural –, situando, assim, a força de reformulação cultural veiculada pelas escritas biográficas na conduta de veracidade de sua realização enquanto construção de um conhecimento transmissível pelas intersubjetividades.

Nessa última vertente, de teor político (ainda que de base linguística), as escritas da memória seriam conciliadas tanto na resistência ou adesão das minorias frente a um poder discriminador e totalitário quanto na resistência ou adesão de uma cultura regional ou nacional frente às influências gerais da era da globalização e do “tempo dos relógios”.

A partir de tais proposições, é importante situar para complementação do conceito de *ars memoriae*, como aponta Leonor Arfuch (2010), que, desde o gesto fundador de *As confissões de Rousseau*, a literatura ocidental já esteve situada, a partir dos locais da memória, nos limiares entre a ficção e a não ficção, questionando a constituição do “eu” moderno e das sociedades e culturas (o não eu, em termos psicanalíticos) por meio de reflexões subjetivas sobre a existência e seus sentidos enquanto uma totalidade ou um contínuo-evolutivo.

Por meio dessa proposição epistemológica, abre-se discussão sobre a memória subjetiva como fator de coerência do conhecimento ontológico – este que vai da individualidade do sujeito à composição cultural de uma comunidade.

2 Era fragmentária e retórica do romantismo

Em contextualização de diferencial dos objetos a serem estudados, se na perspectiva das *Confissões* de Agostinho de Hipona (conhecido a partir da Igreja Católica como Santo Agostinho) as biografias e autobiografias podem ser vistas como obras de memórias pessoais do próprio autor ou de alguma personalidade, agindo dentro de um “pacto” de fidedignidade apenas com o leitor – lembrando que esta vertente existe ainda atualmente nas produções midiáticas e outros meios linguísticos, que Walter Benjamin (1987) considera como “burgueses” –, no que aqui se considera como a contemporaneidade literária – que tem como marco as *Confissões* de Rousseau –, um sutil movimento criativo faz surgirem não simples escritas de memórias pessoais, mas escritas da memória, ou seja, em que este elemento da subjetividade se torna a própria ficção, atuando como elemento de coerência para experiências e conhecimentos conjugados.

Paul de Man (2008) trata dessa condição criativa dentro do que ele chama de “retórica do romantismo”, uma retórica que se aplicaria mais à escola do pensamento que ao sentimento e às características advindas de tais sentimentos. Ou seja, a partir do cogito cartesiano sobre o “eu”, e da reflexão infinita do discurso a partir da concepção subjetiva precursionada pelos românticos de Jena³, os contemporâneos sinalizam em suas obras um possível elemento de coerência ética para a era fragmentária que se instaura – entre perdas de valores e lutas por novas condutas de existência em sociedade. Dessa forma, na contemporaneidade há um retorno, uma retórica sobre os gestos precursores românticos, como a reflexão em processos e o questionamento da formação do “eu” entre matéria e espírito. Tal retorno pode ser visto como um gesto ético de revisão e elaboração ontológica do conhecimento humano, pois valoriza mesmo a coisa que pretende superar.

Nessa concepção, a arte literária memorialista situa-se em ponto profícuo para possíveis revisões e aprofundamentos das propostas românticas da linguagem reflexiva, a fim de reelaboração da modernidade artística e cultural em prol de uma era essencialmente ética.

Apontando outro lócus dessa vertente, Maria Rita Khel situa essa linhagem inventiva na condição de busca pela superação a partir da percepção do último dos poetas românticos, e também o primeiro dos modernos – nas próprias palavras da estudiosa –, e esclarece que “Baudelaire percebeu, muito cedo, que a modernidade é uma época disforme que se caracteriza por ser ‘o que menos se parece consigo mesmo’” (Khel 2009: 4).

³ Sobre o conceito de reflexão ver, “A reflexão”, em *O conceito de crítica de arte no romantismo alemão*, de Walter Benjamin (2011).

E como o pensamento de Baudelaire influi certamente sobre a contemporaneidade poética, sua “percepção” da fragmentação moderna se torna tema central no contemporâneo. E nesse contexto, a respeito da desconstrução ficcional das autobiografias contemporâneas frente ao “pacto autobiográfico”, Márcio Seligmann-Silva (1999) revela, em exemplo do século XX, que entre as confissões, biografias e autobiografias relacionadas ao holocausto nazista já havia “fragmentos de uma farsa” – na frase que dá título ao texto. Essa “farsa”, a silenciosa atuação da ficção em transformação das dimensões de realidade proporcionadas pelas grandes catástrofes do século XX, é um dos exemplos de conotação das verticalizações possíveis pela ficção sobre as condutas não somente estéticas, mas éticas nas escrituras da memória. Ou seja, o que poderia ser considerado como uma farsa diante do “pacto autobiográfico”, nas propostas da ficção memorialística contemporânea poderia ser interpretada como gesto de expansão das experiências e do conhecimento humano diante da história documental e de uma cultura massificada.

Seguindo essa proposição, as duas guerras mundiais e outras tantas guerras nacionais ou regionais foram decisivas para impulso de criações de caráter ético, pois também trouxeram para a humanidade um novo panorama de acontecimentos que abalaram as condutas de existência. O choque das grandes catástrofes e a aceleração do tempo industrial deixou a humanidade diante de uma “realidade líquida” e inverossímil a cada novo instante (Bauman 2001). Dessa forma, fatos em ficção já não poderiam ser julgados como pura ficção, pois realizam possibilidades de experiências capazes de explicar os movimentos de realidade dentro do não dito do mundo moderno e contemporâneo, e que não são totalmente explicáveis pela lógica das ciências exatas e sociais.

A questão metodológica que aqui se permite estabelecer é que nas autobiografias literárias a memória subjetiva pode ser considerada em dimensões para além da simples formulação de rememoração ou reconstituição do que se convencionava chamar de passado. Sua atuação, pensando numa ontologia do existido, isto é, na construção de relações e inter-relações dos seres e coisas no contínuo do fenômeno, estaria mais voltada para a expansão do saber subjetivo e cultural entre as instâncias cronológicas do tempo – o que formaria um intertempo do conhecimento.

Por tal via, as literaturas autobiográficas contemporâneas seriam partes essenciais de uma experiência de realidade não somente individual, mas coletiva, histórica e cultural, visto que são acontecimentos realizados do presente para o porvir. Sobretudo, é possível considerar as escritas memorialistas contemporâneas como componentes essenciais na formulação histórica da humanidade. Tal caminho de ficção não seria, portanto, em termos éticos existencialistas, cópia ou simples representação da realidade, mas parte adjacente e correspondente de significações nas bases e rumos de uma nova cultura a se formar para além da existência mecânica e cronológica do tempo presente.

Essa compreensão contemporânea de memória ficcional admite que ela não apenas se sobreponha cronologicamente em fatos isolados, dentro de um conceito de simples veículo de presentificação de fatos, mas em ponto de vista poético, revitalizando a já presença de todos os instantes inanimados (o não dito) do ser

enquanto este ainda é para-si – em termo de Jean-Paul Sartre⁴ –, seja no passado ou no futuro, enquanto há uma relação de saber no “tempo de agora”, como em Walter Benjamin (1987), e dado entre o eu e a alteridade necessária para uma existência empática.

Implica nessa leitura, mais sincrônica que diacrônica, que o sujeito poético contemporâneo sinaliza ter por dever ético olhar e conviver com os fatos que marcaram a história da humanidade como um todo, para assim aprender com eles a lidar com o presente e construir um porvir melhorado a partir da experiência adquirida do passado (dos futuros que já são passados) e do presente. O para-si desse “dever” é possível porque a consciência, segundo a fenomenologia e o existencialismo, está voltada para fora de si, posicionada antiteticamente à tese cartesiana. Esse sujeito da consciência, ficcionalmente gerado pela memória ontológica da literatura, vive, portanto, em uma era em que é essencial lembrar-se, tanto quanto o é esquecer-se – aqui mencionando um dos subtítulos da série *Boitempo*, de Drummond (1980): “esquecer para lembrar”. Há uma valorização da memória por haver uma consciência da falta da mesma. Esquecer, nesse contexto, é também tomar partido, porém, numa conduta que seria percebida como antiética, ou iconoclasta – na melhor das hipóteses.

Assim, entra em cena o papel da literatura memorialística para cumprir esse dever ético de construção do saber ontológico intertempo, e também para tensionar o valor do silêncio e do esquecimento (do não eu) nas representações autobiográficas. Portanto, dentro da presente proposta de leitura, o relato subjetivo em literatura, por via de uma memória ontológica, acarreta esse conhecimento crítico que amadurece não apenas se autopercebendo, mas percebendo as direções sociais e também globalizantes⁵ da era da qual faz parte, podendo atuar como modelo de coerência do saber empático transmitido para uma cultura em formação.

Levando a questão para a fenomenologia, no *Ensaio de ontologia fenomenológica*, referindo-se como “isto” aos fatos em memória, Jean-Paul Sartre (2009: 269) afirma que “o ‘isto’ não aparece como um objeto presente que em seguida tenha de se tornar passado e que, anteriormente, era futuro. Este tinteiro, quando o percebo, já tem em sua existência suas três dimensões temporais”.

Sartre resolve, nesse ponto, essa nova percepção do tempo e do porvir na leitura do fato histórico por meio dos locais da memória subjetiva. No entanto, a questão aparentemente resolvida exige melhor exame quando se trata de ontologia do ser em literaturas autobiográficas contemporâneas. Ou seja, é preciso observar – e aqui entra a vertente estritamente literária de atuação da memória subjetiva –, parafraseando Candido (1989), o texto se torna literário porque faz parte de um sistema literário que envolve também o leitor na composição desse sistema de funcionamento (autor + obra + público), e também porque envolve um círculo de referências, tanto literárias quanto extraliterárias (histórica, política, filosófica, linguística), permitindo, assim, se pensar o cultural por meio da subjetividade do ser.

⁴ Sobre o para-si ver: “O ser-para-si”, In: *O ser e o nada: ensaio de ontologia fenomenológica*, de Jean Paul Sartre (2009).

⁵ Sobre o termo “globalizante” ver: *Resistência da poesia*, de Nancy (2005).

Esse sistema literário, portanto, convencionou o que é ou não literatura dentro de um limite cultural e, portanto, é nele que se confere ao objeto poético um valor de porvir.

A esse respeito:

Na medida [...] em que o processo de compreensão [histórica] vai se ligando constitutivamente à elaboração e à vida de uma sociedade, fato e ficção são reunidos pela mediação do trabalho comunal em que todos participam. A possibilidade de uma mediação entre signo e referente dentro da produção do próprio texto; como não pretende dizer o que na realidade diz, é uma ficção, mas uma ficção que, *nas mãos da comunidade de leitores certa se tornará fato* (De Man 1989: 139, grifo nosso).

Dessa forma, é possível conceber o que se pode chamar de “efeito poético” da memória ontológica. É esse efeito poético de conjugação do conhecimento humano a partir de uma comunidade determinada que torna a mensagem poética plena⁶, ou seja, somente na percepção e construção de sentidos de realidade em comum entre o “eu” subjetivo e o “outro” sociedade que a mensagem literária passa a possuir as três dimensões temporais do objeto em escala intertemporal, tal como conceituou Sartre. E assim o é, visto que o objeto literário só é plenamente concebido na leitura realizada por uma comunidade definida de leitores⁷.

Nesse procedimento de interpretação, aparentemente impressionista, é que a fenomenologia ontológica serve como pontual caminho de percepção literária no caso das literaturas autobiográficas contemporâneas, e também, e principalmente, como direcionamento da memória subjetiva como base de coerência para uma era fragmentária, agindo a partir de uma “retórica do romantismo” para se recuperar a subjetividade e seu valor de conhecimento, pois, complementando a afirmação anterior: “Desde que capto [“o isto”] como permanência, ou seja, como essência, está já no futuro, embora eu não lhe esteja presente em minha presença atual, mas como por-vir-a-mim-mesmo” (Sartre 2009: 269).

Em relação anacrônica, o que a fenomenologia existencialista viria a acrescentar na percepção crítica do objeto literário proposto seria uma percepção não somente estética, mas uma percepção sobre uma composição ética em linguagem poética. O objeto literário, aqui visto como “o isto”, que nesse caso implica uma revisão de conceitos como tempos, locais da memória e na relação identidade/alteridade, em que seria admitido como portador intertemporal das experiências humanas. Mas não como simples representação, e sim como local da própria crítica, reflexão e verticalização do conhecimento do existido.

⁶ Como define Ezra Pound (1997: 13): “Grande literatura é simplesmente linguagem carregada de significados até o máximo grau possível”.

⁷ Em amplo debate sobre as razões da estética da recepção, Tzvetan Todorov aplica uma contra-inércia na valoração do leitor que é plenamente concebível nesta proposta de leitura. Ele afirma: “[...] O leitor comum, que continua a procurar nas obras que lê aquilo que pode dar sentido à sua vida, tem razão contra professores, críticos e escritores que lhe dizem que a literatura só fala de si mesma, ou que apenas pode ensinar o desespero. Se esse leitor não tivesse razão, a leitura estaria condenada a desaparecer em curto prazo” (Todorov 2012: 33).

Dessa forma, chegando ao caso da poesia brasileira contemporânea, quando uma obra poética memorialista se volta para um espaço autobiográfico, devemos considerar que a autobiografia é po-ética (poética e ética), e não sobre a vida particular do poeta. E, mesmo atuando a partir de locais da memória para expandir o conhecimento humano, como a política, a história ou a filosofia, sua atuação seria extra-política, extra-histórica e extra-filosófica, acrescentando saberes e verdades (fatos extra-realidade) à determinada cultura por meio de uma produção de saberes própria desse sistema literário em que se realiza.

Esse ponto, da poesia em cena na chamada era dos holofotes, e com papel ético na construção do conhecimento, conotaria uma das possíveis revisões das escritas da memória subjetiva proposta neste estudo, assim como houve no *boom* de biografias e autobiografias relacionadas ao holocausto nazista. A diferença é que a revisão a partir da poesia contemporânea não implica olhar para a obra literária com foco em um único acontecimento histórico marcante, ou em datas relativas de determinada era política, filosófica ou artística, mas em todos os fatos e acontecimentos conjugados como um percurso da humanidade em conjunto de acontecimentos, que, enquanto traduzidos para uma linguagem poética, segundo Chartier (2011), também é um percurso histórico, um “fato” em contínua cultura e do conhecimento humano.

O que aqui se propõe, longe da intenção de determinar uma teoria, mas sim um método de abordagem crítica do objeto autobiográfico, é haver uma possibilidade de se abordar o objeto poético autobiográfico na contemporaneidade a partir de sua composição fragmentária, aleatória, mas constelar, que é também autocomplementar em sua diversidade interna, pois esse objeto seria visto dentro de uma unificação dos tempos (intertempos) para formulação de uma identidade ontológica ética do sujeito e da cultura na história redimida pela consciência e memória contemporâneas.

Assim se aventa possível porque a poesia brasileira contemporânea, tal qual toda a literatura ocidental, esteve intensamente, ao modo do “anjo da história” de Walter Benjamin (1987), voltada para o passado e impelida violentamente ao futuro. Os escombros das catástrofes do passado ainda chegam aos pés da atualidade, e a tempestade que impele os poetas, chamada de progresso, é cega e despedaçada tal como os escombros que caem aos seus pés⁸. Portanto, uma atitude de reconciliação dos tempos urge ser realizada, e a poesia contemporânea sinaliza seguir esse princípio.

⁸ Em dossiê sobre literaturas de testemunho, Jeanne Marie Gagnebin destaca que “[...] em sua famosa nona tese ‘Sobre o conceito de História’, [Walter Benjamin afirma]: ‘Existe um quadro de Klee chamado *Angelus Novus*. Nele vemos um anjo que parece estar na iminência de se afastar de algo para o qual ele olha fixamente. Seus olhos estão arregalados, sua boca está aberta e suas asas estendidas. O anjo da História deve ter essa aparência. Ele volta sua face para o passado. Onde aparece para nós uma cadeia de acontecimentos, ele vê aí uma única catástrofe, que de modo ininterrupto acumula escombros sobre escombros e os lança diante de seus pés. Ele gostaria de tardar-se, despertar os mortos e juntar o destruído. Mas uma tempestade sopra do paraíso, prendeu-se nas suas asas e é tão forte que o anjo não pode mais fechá-las. Essa tempestade impele-o de modo irresistível para o futuro, para o qual ele vira as costas, enquanto diante dele a pilha de escombros cresce até o céu. O que nós denominamos de progresso é essa tempestade’” (Benjamin *apud* Gagnebin 1999: 51).

Essa é certamente uma proposição voltada para o existencialismo ontológico, para o embasamento de uma atitude ética intertempos sobreposta a qualquer estética das escritas da memória contemporânea, no sentido do ser poético atuar como responsável pela coerência da existência com que se relaciona – aqui aplicando uma retórica também clássica. Porém, é preciso situar a função da memória como *ars memoriae*, que possibilita tal caminho de experiências e conhecimento justamente por meio de sua estética fragmentária de invenção, como mostrado a seguir.

3 Atuações da *ars memoriae* na contemporaneidade

Se atualmente o termo memória é concebido como simples veículo-ao-passado em autobiografias midiáticas, na ficção poética memorialista pode ser remetida a um plano de construção intertempos e inter-relações do “eu” e da alteridade em nova reformulação ontológica da cultura. A estudiosa Beatriz Sarlo (2007), concluindo em seu estudo sobre a guinada subjetiva da arte a partir da modernidade, dentro da relação da memória com as três instâncias usuais do tempo cronológico, pontua sobre o conceito de passado revisto pela Nova História:

É certo que a memória pode ser um impulso moral da história e também uma de suas fontes, mas esses dois traços não suportam a exigência de uma verdade mais indiscutível que aquelas em que é possível construir com – e a partir de – outros discursos. [...] A arte, quando não procura mimetizar os discursos elaborados sobre memória nas academias, como acontece com as estéticas de monumentalização e contramonumentalização do Holocausto, demonstrou que a exploração não está contida apenas dentro dos limites da memória, mas que outras operações, de distanciamento, ou recuperação estética da dimensão biográfica, são possíveis (Sarlo 2007: 44).

Nessa concepção, em que a *ars memoriae* é a própria dimensão ética do objeto ficcional, o que se percebe é uma possibilidade de alocação da poesia contemporânea, enquanto po-ética da memória, como representante de uma voz da verdade, seja científica ou de fé, que se situa entre o lembrar e o esquecer, e que se comunica e é comunicável em alguma instância cognitiva individualista ou plural, seja histórica, política, filosófica ou literária, atuando, portanto, na memorização dos tempos⁹ e na presentificação intertempos de conhecimento e condutas existenciais da identidade cultural da humanidade.

A essa possibilidade imaginativa, que Paul De Man nomeia de “exotopia”; ele esclarece:

⁹ Pensamos memorialização como um termo cabível para a relação intertempos da identidade e da cultura, equivalente se houvesse uma exposição, lado a lado, e não sobreposta – sem desvalorização cronológica –, de todos os atos de um ser, da sua infância à velhice, ou mesmo de um grupo ou uma sociedade, da apoteose à ruína, e todos os acontecimentos fossem observados como instância do presente-a-se-fazer. Essa exposição seria possível pelo reconhecimento da memória como reveladora da verdadeira constituição do saber nas culturas contemporâneas.

A estrutura autorreflexa, autotélica, ou, se quiserem, narcisista da forma [autobiográfica], na qualidade de descrição definidora encerrada dentro de limites específicos, é por este meio substituída por uma asserção de alteridade do outro, anterior até a possibilidade de um reconhecimento da sua alteridade. Em vez de ter a ver com estruturas de classe, [...] a exotopia tem a ver com relações entre as unidades culturais e ideológicas distintas. [Por exemplo, Dostoievski e Balzac] não são vozes de uma identidade ou identificação do autor, [...] mas vozes de alteridade radical, não por serem ficção e o autor não o ser, mas porque a sua alteridade é a sua realidade. O princípio de realidade coincide com o princípio de alteridade (De Man 1989: 141, grifo nosso).

Portanto, olhando para as obras poéticas brasileiras, se o eu lírico da série *Boitempo*, de Carlos Drummond de Andrade é nomeado de “menino antigo” (Andrade 1978), delimitando um espaço restrito de distância da memória em relação à existência do sujeito poético no presente-a-se-fazer, há um princípio de alteridade poética na própria nomeação que conduzirá a leitura para um embasamento da imagem trazida por esse eu lírico, antecipando, assim, um efeito de não-presentificação da imagem na leitura, e acentuando apenas uma rememoração – no qual a memória é transformada pelo presente que a evoca.

Mas como esse movimento poético expandiria o conceito de *ars memoriae* na contemporaneidade? Como se fosse um tipo de negação daquela imagem na constituição do “eu” que se anuncia no presente da fala, há uma memória da falta. E, nesse caso, temos exemplo da memória subjetiva na afirmação de um não eu, ou de um eu que não se pertence mais. Então o processo de rememoração, nesse caso, atua como fator introspectivo de uma memória ontológica, que não apenas é transformada pela rememoração, mas que transforma o sujeito que a invoca pela informação que se insere, no caso, um tipo de esquecimento de certa infância pré-consciente como reforço de uma memória adulta e madura.

O poeta escreve dos locais da memória, mas a memória ontológica se situa também entre o lembrar e o esquecer, num ato de seleção e reavaliação de determinada etapa da existência, reafirmando-a ou deixando para ela um local perpétuo, inexorável, fora da força do para-si transformador no presente-a-se-fazer. Como assinala claramente Alcides Villaça, na poesia de Carlos Drummond de Andrade, “o sentimento das experiências vividas ou projetadas manifesta-se como incompletude, às vezes declarada com todas as letras, às vezes mascarada, sublimada ou ironizada” (Villaça 2005: 13).

Dessa forma, o “eu é um outro” moderno, como se anuncia no famoso verso de Rimbaud, deve ser visto fora do clichê da simples empatia emocional. O eu como sendo outro conjuga o “eu” e o “tu” em um “nós”, em um “eu” mais completo, tanto pelo conhecimento quanto pela ética na transmissão de tal conhecimento.

No exemplo em Carlos Drummond, como há também na poética de Armando Freitas Filho, o eu lírico é um ser da memória, e não um ser de memórias, por isso, o “eu é um outro”, em plena contradição verbal frente à relação do menino evocado na escrita de Drummond e o eu coletivo construído pela memória poética.

O eu lírico das poéticas da memória não se refaz apenas entre o esquecer e o lembrar das memórias do autor, mas refaz a si próprio entre o aproximar e se distanciar da memória ficcional de um “eu” poético que existe enquanto ficção e enquanto relação de um sistema literário, que ora aproxima uma instância da memória, ora se distancia de certa imagem do presente realizado como sinal de maturidade e consciência antecipadora do porvir refletido no radical empático da obra, que é a própria linguagem da memória.

Paul Ricoeur, em profícuo estudo sobre a memória, a história e o esquecimento, acentua esse ponto de vista sobre a *ars memoriae* na condição das autobiografias literárias contemporâneas:

O esquecimento não oferecerá apenas um redobramento da descrição, em que os mesmos usos da memória se revelariam sob o novo ângulo dos usos do esquecimento; estes últimos trarão consigo uma problemática específica, distribuindo suas manifestações num eixo horizontal dividido entre um polo passivo e um polo ativo. O esquecimento revelará, então, uma estratégia astuciosa que lhe é muito própria (Ricoeur 2007: 88).

Assim, se o esquecer, o extratemporal, é imprescindível para concepção dos movimentos da *ars memoriae* em poéticas autobiográficas contemporâneas, outro ponto importante das funções da memória em literatura são as possibilidades de se destacar um evento em dimensão extra-espacial, ou seja, em que a memória não se constituiria em fato isolado, mas em um conjunto de gestos que compõem uma memória cultural resgatada pelo conhecimento subjetivo, como, por exemplo, no poema de Carlos Drummond de Andrade:

15 DE NOVEMBRO

A proclamação da república chegou às 10 horas da noite
em telegrama lacônico.

[...]

Conservadores e liberais recolheram-se ao seu infortúnio.

[...]

Não resta mais testemunha daquela noite
para contar o efeito dos lenços vermelhos
ao suposto luar

das montanhas de Minas.

Não restam sequer as montanhas (Andrade 1973: 17).

O excerto tem como conteúdo histórico um acontecimento político: a Proclamação da República brasileira. O que o poema traz para a ficção são gestos possivelmente não narrados por uma história documental oficial, acrescentando ao fato a resignação dos conservadores e dos liberais, e acrescentando também o gesto sem testemunhas, ou sem testemunho, do “efeito dos lenços vermelhos/ ao suposto luar/ das montanhas de Minas”.

Porém, além da memória enquanto ficção (no caso, “o efeito dos lenços vermelhos”) destacar uma possibilidade imagística de experiência em certo acontecimento público (tal como uma melancolia ou esperança subjetiva diante do gesto dos lenços), veicula-se historicamente a imagem a uma data (“15 de novembro”), tensionando, assim, as fronteiras entre ficção e fato. Logo, dos lenços vermelhos de uma memória regional, abrem-se frestas intertempos de relações com gestos culturais extra-regionais, como no gesto dos lenços vermelhos na revolução francesa ou russa, ou dos sobreviventes do holocausto em movimento de adeus ao enterro simbólico das vítimas do nazismo¹⁰.

Os últimos versos do excerto também intensificam a ideia de que a memória ontológica somente existe enquanto memória, e que esta é real enquanto gesto ou acontecimento ficcional. Não se presentifica a atitude dos liberais e conservadores, nem o gesto do lenço – o regional e o cultural em diversas concepções históricas e/ou políticas. Não somente se modifica a memória ao presentificá-la, mas esta modifica o sujeito e o conhecimento cultural ao revelar uma realidade em duração – nos termos de Henri Bergson (2010) – pertencente ao espaço da memória como complemento ao fato histórico. A alteridade dessa memória ficcional é, portanto, seu próprio horizonte criador, é a linguagem que ela enuncia.

Com respeito às (re)invenções culturais na poética drummondiana:

[...] é um projeto poético fundado na articulação entre transitividade e intransitividade da linguagem do poema [...] é o modo pelo qual o poeta, por um lado, afirma os valores comunicativos da linguagem, fazendo do poema uma maneira de relacionar-se com a realidade e, por outro, sem desprezar aqueles valores, cria um espaço específico de inventividade, auto-orientado, a que se pode chamar de poético (Simon 1978: 11).

Neste caso, a *ars memoriae*, ou seja, a atuação poética inventiva sobre memórias subjetivas, a se dar como um complemento interdito aos não ditos do contínuo, situa-se em plano central de coerência nas autobiografias poéticas brasileiras, não atuando apenas na figuração de um fato ou gesto, mas como elemento organizador de uma forma de transmissão das experiências e conhecimento humano que só é possível enquanto linguagem ficcional. O lugar da memória, então, seria o local da essência do ser poético, o local do encontro do eu que se enuncia com o enunciado (linguagem) que lhe constitui enquanto identidade/alteridade.

Seguindo a orientação fenomenológica, numa revisão do conceito de passado como passado de um presente específico, a memória ficcional atuaria nessa fronteira de redefinição do que o “eu” é enquanto presente-a-se-fazer, enquanto passado deste presente, e situá-lo-ia conscientemente como um “nós”, nas perspectivas de ser coletivamente num futuro antevisto no presente-a-se-fazer. Ou seja, é somente na perspectiva de uma memória ontológica, reveladora do saber poético conjugado nas variações de totalidade de uma ordem cronológica restrita, que se torna possível a

¹⁰ Sobre a memória dos sobreviventes do holocausto, ver: “Dossiê literaturas de testemunho”, In: *Revista Cult* (1999: 39-63); e “Nazismo: o terror sem disfarce”, In: *BBC História* (1996).

união intertempos em prol de uma perspectivação ética dada pelos locais da memória ficcional.

Em comparação com as poéticas que se realizam atualmente, na poesia de Armando Freitas Filho, autor de uma obra cinquentenária que se insere abertamente no espaço biográfico, é possível pôr em comparação não a negação ou inversão, mas uma continuidade vertical das escritas da memória como vistas no exemplo de Carlos Drummond de Andrade. No livro *Lar*, de Freitas Filho (2009), há uma retomada reflexiva das aspirações poéticas de Drummond em sentido de aprofundamento do saber ontológico por meio da *ars memoriae*, como no poema “Herança”:

Ao passar a limpo, me sujo
 [...]
 “Menino antigo” não há em mim.
 Nem seu cadáver simbólico e interno.
 Há o que se empilha, inominado/inanimado
 Perto ou na parte mais ferida do coração
 [...]
 (Freitas Filho 2009: 52).

O título é um aforismo diante dos versos que se seguem. A ironia sobre a “herança” poética se dá logo de início na negação da imagem do “menino antigo” drummondiano. Na escolha ética da ficção de Freitas Filho – mais incisiva que a do precursor, porque se afirma sobre uma afirmação anterior –, a infância não é separada da maturidade na composição ontológica da identidade poética. Ao contrário, mais próximo ainda da proposição de retomada reflexiva de um elemento – no caso a memória – como objeto do presente para um futuro ou presente-a-se-fazer, a poesia que brinca com o jogo de influência faz viver em seu eu lírico “o que se empilha”, ou seja, uma totalidade atemporal de ser como presente realizado, e que se encontra apenas “inanimado”, nos inconscientes da linguagem, à espera de sua função ontológica, de sua nomeação.

Esse é um exemplo das diversas diferenças e complementaridades possíveis em certos círculos interligados de tradição e rupturas nas autobiografias poéticas brasileiras contemporâneas. Na questão da reflexão, como elemento que se desenvolve sobre essa constituição do sujeito poético tentando superar um presente-realizado em prol de um presente-a-se-fazer, seu teor é dramático na poesia de Freitas Filho, pois, como no poema acima, ocorre “perto ou na parte mais ferida do coração”, ou seja, na parte que reconhece a condição existencial das coisas e dos seres, do “eu”, do “tu” e do “nós”. Ou seja, a escrita poética da memória, como busca reflexiva por um saber, por uma experiência de vida, enfim, por um conhecimento mais autêntico da subjetividade em relação ao mundo e as outras subjetividades no mundo, torna objeto sua própria linguagem de enunciação e, assim, revela uma condição humana, a da finitude do ser, implicando interferências tanto no conceito de memória vicária, quanto de pós-memória, pois há tanto a vivência do ato por meio da linguagem quanto uma transmissão e retransmissão de saberes passados por uma influência literária em um presente comprimido – nos termos de Bergson (2010).

Dessa forma, a noção de presente, como nas culturas massificadas, é quebrada. O presente imbrica-se, pela ficção, simultaneamente com o passado e o futuro. Nesse caso, a memória subjetiva seria um elo empático no fazer poético de Armando Freitas Filho frente ao gesto precursor de Carlos Drummond de Andrade. Em Freitas Filho, tem-se uma memória impessoal, mas com a qual a subjetividade do outro se mescla e amplia como força de representação em um contínuo de experiências dentro de um sistema literário específico.

Essa retórica do romantismo nesse tipo de literatura, como assinalou Paul de Man (2008), parte de um princípio de coerência histórica para superação ética dessa própria história, aquela superação que engloba o superado e também o redime. Assim o faz não no sentido de esquecimento como apagamento total, e sim como alocação do presente realizado (passado), dado em galeria imanente nos locais de memória de um porvir. Essa seria uma ontologia do conhecimento.

Além de Carlos Drummond e Freitas Filho, outros exemplos na poesia brasileira contemporânea seriam profícuos para essa proposta de leitura, tais como a poesia de Joaquim Cardozo, Pedro Nava, Murilo Mendes, João Cabral de Melo Neto, Sebastião Uchoa Leite, entre outros. Todos eles complementam-se, do modernismo à contemporaneidade, em diversidades e complementaridades de identidades e culturais possíveis entre as escritas poéticas da memória. Porém, ficamos nos casos de Carlos Drummond de Andrade e Armando Freitas Filho para priorizar um recorte, e dado o aberto e profundo diálogo que a obra do segundo estabelece com a do primeiro, como no caso da reflexão sobre o “menino antigo”, entre outras não exemplificadas no presente estudo.

Em relação de continuidade, as duas poéticas, inseridas nos espaços da memória, oferecem profícuo terreno para revelar o conhecimento ontológico ético construído na contemporaneidade pela ficção literária. Como já bem situou Antonio Candido, sobre as inter-relações das escritas poéticas da memória:

Isto mostra que, apesar das diferenças, tem um substrato comum, que permite lê-los reversivelmente como recordação ou como invenção, como documento de memória ou como obra criativa, numa espécie de dupla leitura, ou leitura ‘de dupla entrada’, cuja força, todavia, provém de ser ela simultânea, não alternativa (Candido 1989: 54).

Assim, além de Antonio Candido, que situa a função social da literatura memorialística, Jean-Luc Nancy reforça tal proposta de leitura ao afirmar que: “O poema extrai o acesso de uma antiguidade imemorial, que nada deve à reminiscência de uma idealidade, mas é a exata existência atual do infinito, o seu retorno eterno” (Nancy 2005: 17).

Concluindo, com essa proposta de leitura a partir dos exemplos de uma *ars memoriae* ontológica, o presente estudo propôs debate teórico sobre as condições e funções da memória subjetiva na poesia brasileira contemporânea. O que se obtém é um resultado de revisão dos conceitos de tempo, ficção e realidade, e de memória enquanto elemento de coerência ontológica para as obras literárias autobiográficas frente à era fragmentária. O saber que se formula na própria formulação do ser

poético e se conjuga entrelaçado em diversos locais da memória acaba por revelar tentativas de formulação desse conhecimento ontológico.

Dessa forma, uma leitura que visa associar história, cultura, visão política e filosófica em contexto de expansão do conhecimento subjetivo por meio da ficção, certamente está conceituada no cerne de uma reformulação cultural de identidade e alteridade, pois interfere tanto em contextos históricos – por exemplo a Proclamação da República –, políticos – como a nostalgia dos lenços vermelhos frente à resignação dos homens liberais e conservadores diante da Proclamação da República –, e também filosóficos – refletindo sobre pensamentos e gestos existenciais da memória. Tais verdades reveladas pelos fatos (no caso, as obras poéticas) fornecem uma base de pensamento para a poesia, ou da poesia para a própria poesia, como exemplo o ato de se separar ou inserir a infância na maturidade do ser.

Esse cenário mostra-se imprescindível na verticalização das funções do conhecimento literário contemporâneo. Se lido em uma perspectiva complementar, não de simples superação, mas de revisões e interferências do presente-a-se-fazer frente ao presente realizado, e também na relação de pensamento, seja poético, histórico, político ou filosófico, o método de leitura apresentado revela, como uma totalidade intertemporal, o saber cultural ontológico representado de forma ética por poéticas autobiográficas contemporâneas.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Carlos Drummond de. *Boitempo & A falta que ama*. 2. ed. Rio de Janeiro: Sabiá, [1968] 1973.
- _____. *Menino antigo: Boitempo II*. 3. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, [1973] 1978.
- _____. *Esquecer para lembrar (Boitempo-III)*. 2. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1980.
- ARFUCH, Leonor. *O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea*. Trad.: Paloma Vidal. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2010.
- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Trad.: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.
- BBC História. *Série Grandes Acontecimentos da Humanidade. Nazismo: o terror sem disfarces*. São Paulo: Ano 1, edição n. 1, 1996.
- BENJAMIN, Walter. "A reflexão". In: _____. *O conceito de crítica de arte no romantismo alemão*. 3. ed. Trad.: Marcio Seligmann-Silva. São Paulo: Iluminuras, 2011.
- _____. *Obras escolhidas. Magia e técnica, arte e política*. 3. ed. Trad.: Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.
- BERGSON, Henri. *Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*. Trad.: Paulo Neves. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- CANDIDO, Antonio. *A educação pela noite & outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1989.

CHARTIER, Roger. *O passado no presente. Ficção, história e memória*. In: _____. *A força das representações: história e ficção*. Trad.: Pedro Armando de Almeida Magalhães. Org. de J.C.C. Rocha. Florianópolis: Argos, 2011, p. 95-123.

DE MAN, Paul. *Autobiography as de-facement*. In: _____. *The rhetoric of romanticism*. Nova York: Colúmbia University Press, 2008, p. 67-81. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/2906560?seq=1#page_scan_tab_contents>. Acesso em: 26 jun. 2013.

_____. *A resistência à teoria*. Trad. Tereza Louro Pérez. Lisboa: Edições 70, 1989.

FREITAS FILHO, Armando. *Lar*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

GAGNEBIN, Jeane Marie. "A im-possibilidade da poesia". In: Dossiê literatura de testemunho. Revista *Cult*, n. 23, São Paulo: Lemos Editorial, 1999, p. 48-51.

HUYSSSEN, Andreas. *Culturas do passado-presente: modernismos, artes visuais, políticas da memória*. Trad. Sergio Alcides. São Paulo: Contraponto, 2000.

KEHL, Maria Rita. "A melancolia em Walter Benjamin e em Freud". In: *O tempo e o cão - a atualidade das depressões*. São Paulo: Boitempo, 2009.

LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet*. Trad. Jovita Maria Gerheim Noronha e Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2008.

NANCY, Jean-Luc. *Resistência da poesia*. Trad. Bruno Duarte. Coimbra: Vendaval, 2005.

POUND, Ezra. *ABC da literatura*. Trad. Augusto de Campos e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1997.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Trad. Alain François et all. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

SARLO, Beatriz. *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. Trad. Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007.

SARTRE, Jean-Paul. *O ser e o nada. Ensaio de ontologia fenomenológica*. 18. ed. Trad. Paulo Perdigão. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. "Os fragmentos de uma farsa". In: Dossiê literatura de testemunho. Revista *Cult*, n. 23, São Paulo: Lemos Editorial, 1999, p. 60-63.

SELIGMANN-SILVA, Márcio et al. "Dossiê literatura de testemunho". Revista *Cult*, n. 23, São Paulo: Lemos Editorial, 1999, p. 60-63.

SIMON, Iumna Maria. *Drummond: uma poética do risco*. São Paulo: Ática, 1978.

TODOROV, Tzvetan. "Poderes da poesia". In: *Forma e sentido contemporâneo: poesia*. Produção, direção e curadoria de Gil Lopes e Antonio Cícero. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2012, p. 19-37.

VILLAÇA, Alcides. *Passos de Drummond*. São Paulo: Cosac & Naif, 2005.

ARTIGO RECEBIDO EM 11/04/2015 E APROVADO EM 28/07/2015